

Brasil abranda sua proposta aos credores

Bresser não briga mais por deságio nem conversão e espera maior receptividade

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Nova Iorque — Sem a obrigatoriedade de conversão em títulos e também sem abatimento no valor, a nova proposta de renegociação da dívida externa que o Brasil apresenta hoje aos bancos credores, em reunião transferida para Washington, tem mais chances de ser melhor recebida do que a fórmula anterior, de acordo com a expectativa dos negociadores brasileiros que foi confirmada ontem por fontes da comunidade bancária nos Estados Unidos.

“Pessoalmente não acredito que saia um acordo escrito até o final de outubro, mas pode surgir um entendimento sobre as linhas básicas” — disse ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, ao chegar em companhia do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, no Hotel Intercontinental. A proposta será apresentada ao Comitê de Assessoramento dos bancos credores por Milliet e pelo assessor especial da dívida externa, Fernão Bracher.

“Não vamos vender nada, mas apenas apresentar os exatos contornos de uma proposta que em suas linhas gerais já é conhecida” — explicou Bracher, informando que as duas principais diferenças em relação à fórmula anterior (rejeitada pelo secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III, algumas semanas atrás) são o fato de os bônus para conversão da dívida não serem

compulsórios e, também, o detalhe de não incluírem descontos sobre o total convertido.

O desconto pretendido inicialmente será obtido através de uma taxa fixa de juros, a ser negociada com os banqueiros, e também através de prazos mais longos para o pagamento destes papéis que os bancos poderão negociar no mercado se quiserem transformá-los em dinheiro antes do vencimento. Se o desempenho da economia brasileira melhorar no futuro, em termos de exportação, importação e crescimento do produto, o País aumentará a remuneração dos bônus.

A proposta brasileira será “mais atraente” do que a da Argentina, de acordo com Bracher, no que se refere à conversão parcial da dívida em títulos. Ele não quis adiantar os detalhes, mas sabe-se que os títulos argentinos, que não tiveram boa aceitação no mercado por renderem a metade da remuneração do dólar, baseava-se em 4 por cento de juros fixos, com prazo de 25 anos e 12 anos de carência, de acordo com exigências dos próprios credores para inviabilizar a conversão.

Por que os bancos trocariam seus empréstimos ao Brasil por estes novos papéis? A resposta de Bracher é que um credor que não está recebendo nada atualmente, por causa da moratória brasileira, passaria a ter a garantia do rendimento do bônus, além de poder negociá-lo no mercado. “Podemos não vender um único bônus, mas tenho certeza de que este é o melhor

caminho e que só um país com capacidade de pagamento, como o Brasil, pode oferecê-la” — declarou.

Com estas alterações, os títulos já não podem ser classificados de “bônus de saída” (exit bonds) por não implicarem, com sua aquisição, na retirada dos bancos que os comprarem do rol de credores. Qualquer um dos cerca de 740 credores poderá converter em bônus o total ou parte de seus empréstimos ao Brasil. Bracher acredita que a resistência do secretário do Tesouro à proposta anterior estava relacionada com a obrigatoriedade de aquisição dos bônus.

“Se não quiserem, não faz mal, pois estamos oferecendo também o caminho da renegociação convencional” — disse o ex-presidente do Banco Central, lembrando que o objetivo final é sair da moratória e voltar à normalidade das relações com a comunidade financeira internacional. Ele não acredita, entretanto, que o Brasil volte a obter empréstimos voluntários tão cedo, já que perceberam os problemas decorrentes da concentração do risco em poucos grandes devedores.

“Se não é possível voltar logo ao mercado, o caminho certo é reestruturar a dívida externa de acordo com nossas reais capacidades de pagamento, em termos de juros e principal” — afirmou. O total da dívida com os bancos privados, da ordem de 67 bilhões de dólares, terá que ser renegociado de uma forma ou de outra.